

**CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS
VARIACIONISTAS PARA O ENSINO–APRENDIZAGEM DA EJA**

Lucas de Souza Machado (UEMS)

luccas.lsm02@gmail.com

Elza Sabino da Silva Bueno (UEMS)

elza@uems.br

RESUMO

A Educação para Jovens e Adultos é pensada como uma educação ao longo da vida e construída para a população que não teve oportunidade de estudar ou prosseguir nos estudos regularmente. Essa premissa nos levou a refletir acerca de nossa inquietação, acerca do conceito e das atribuições da EJA como modalidade de escolarização, seu percurso histórico, os marcos legais dessa modalidade e como os estudos da Sociolinguística variacionista podem contribuir para com esse processo de ensino e aprendizagem e, desta forma, essa pesquisa se justifica. Intencionamos, portanto, apresentar uma proposta para o ensino–aprendizagem na EJA à luz dos estudos sociolinguísticos variacionistas com vistas numa aula de caráter investigativo, a fim de suscitar no ambiente de sala de aula a pesquisa e investigação científica.

Palavras-chave:

EJA, Ensino–aprendizagem. Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT

Education for Youth and Adults is thought of as a lifelong education and built for people who have not had the opportunity to study or continue their studies regularly. This premise led us to reflect about our concern, about the concept and attributions of EJA as a schooling modality, its historical path, the legal milestones of this modality and how the studies of variationist Sociolinguistics can contribute to this teaching and learning process and, in this way, this research is justified. We intend, therefore, to present a proposal for teaching-learning in EJA in the light of the variation-oriented sociolinguistic studies with a view to an investigative class, in order to raise scientific research and investigation in the classroom environment.

Keywords:

EJA. Teaching-learning. Variationist Sociolinguistics.

1. EJA (Educação de Jovens e Adultos)

A primeira consideração importante a fazer é lembrar que EJA trata-se da sigla que se refere à Educação de Jovens e Adultos, sendo assim, EJA deve ser tratada como “a” EJA e não “o” EJA, equívoco causado pela confusão entre os termos Ensino e Educação. Para reafirmar e consolidar nossa declaração tomamos por empréstimo a assertiva de Soa-

res *et al.* (2011): “a Educação de Jovens e Adultos é um campo carregado de complexidades (...) e carrega consigo o legado da Educação Popular” (p. 7). É um campo de educação de jovens e adultos, portanto, a educação e não o ensino.

Outra consideração importante é pensar que a EJA está ligada ao ensino pedagógico de jovens e adultos, todavia, é preciso reforçar que estes indivíduos, na maioria das vezes, optam pela modalidade EJA por não conseguirem concluir ou prosseguir nos estudos de modo regular, daí se dá a complexidade mencionada por Soares *et al.* (2011). A educação a estes indivíduos vai além de melhorar suas habilidades de leitura e escrita, os estudantes adultos se envolvem mais plenamente na sociedade e participam ativamente do processo de desenvolvimento e cidadania.

É algo além do aperfeiçoamento das habilidades básicas dos códigos de linguagens e/ou códigos matemáticos, afinal, inclui oportunidades para que os alunos jovens/adultos melhorem suas perspectivas de vida e formem uma imagem mais positiva de si mesmos como pessoas que desempenham um papel ativo e crítico, no processo de desenvolvimento de suas comunidades.

De acordo com o Dicionário de verbetes organizado pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente, Gestrado⁷, EJA é:

Um conjunto amplo e diverso de processos de formação relacionados ao desenvolvimento da personalidade, à reorientação de valores e comportamentos, à aquisição e ampliação ao longo da vida de conhecimentos básicos, qualificações profissionais ou habilidades socioculturais, visando satisfazer as necessidades de aprendizagem dos indivíduos considerados jovens e adultos pela sociedade a que pertencem. Alguns desses processos se desenvolvem em instituições educativas especializadas, outros têm lugar fora dos ambientes escolares, nas famílias e comunidades, nos locais de trabalho e de convivência sociocultural, nas organizações e movimentos sociais e políticos, e também pelos meios de informação e comunicação. [...] No Brasil contemporâneo, registram-se as mais diversas práticas de aprendizagem e formação de jovens e adultos, vinculadas aos processos de organização e ação comunitária, qualificação para o trabalho e para a geração de renda, desenvolvimento local e preservação ambiental, participação sindical e política, prevenção de doenças e promoção da saúde, produção e difusão da cultura popular, apropriação de tecnologias da co-

⁷ O GESTRADO reúne hoje professores do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), além de pesquisadores de outras instituições (CEFET-MG, SEE-MG, SMED-BH, UEMG, UFES, UFPel) e alunos de graduação e pós-graduação.

municação e informação, fortalecimento de coletivos de mulheres, afro-descendentes, camponeses e indígenas (PIERRO, 2010, p.1).

É possível afirmar, dessa forma, que Educação de Jovens e Adultos não está atrelada, necessariamente, à escola ou instituições escolares e, sim, a um processo educacional mais amplo e complexo.

2. EJA: Percurso Histórico e Políticas Públicas

Romão e Gadotti (2007) elaboraram um quadro que foi adaptado pelas professoras Cláudia de Paula (UERJ) e Márcia Oliveira (USP) e que nós tomamos por empréstimo para traçarmos um breve histórico das características da EJA ao longo do tempo e da história. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 1: Breve histórico da EJA.

1946–1958: Período das grandes campanhas voltadas à erradicação do analfabetismo, entendido como causa do subdesenvolvimento, uma “doença a ser curada”. Tal interpretação aprofundou o caráter assistencialista da EJA. A EJA não logrou integração ao sistema educacional, mas seria foco episódico de atenção deste. Destaque para a Campanha de Educação de Adultos (constituiu-se um programa voltado à alfabetização, à formação profissional e ao desenvolvimento comunitário), que mais adiante consolidaria a implantação do “ensino supletivo”, presente até hoje na cultura da educação de jovens e adultos nacional.

1958–1964: Esse período é marcado pelo avanço de um movimento crítico no âmbito das políticas sociais. O analfabetismo deixa de ser compreendido como causa e passa ser interpretado como um dos efeitos ou subdesenvolvimento e das desigualdades socio-econômicas. Nesse cenário, as contribuições de Paulo Freire ganham visibilidade e ele é convidado a encabeçar a elaboração do Plano Nacional de Alfabetização de Adultos. Destaque para o surgimento do Centro Popular de Cultura (CPC) e do Movimento de Educação de Base (MEB), como ações que fortaleceriam a consolidação do paradigma de uma educação popular humanizadora e emancipadora dos sujeitos envolvidos. No Brasil, Paulo Freire e suas teorias passam a ser marco paradigmático na revolução do pensamento pedagógico como um todo e, mais especificamente, da EJA.

1964–1985: Esse período representa um rompimento histórico com os processos democráticos e o retorno a concepções mais conservadoras no âmbito da EJA. A ditadura militar esvaziou as ações educativas de seu sentido ético, político e humanizador (como defendia Freire), atribuindo à educação escolar um caráter moralista e disciplinador, e, à EJA, uma posição cada vez mais assistencialista, do qual a expressão máxima foi o Movimento de Brasileiro de Alfabetização (Mobral). Por outro lado, a sociedade, diante do cerceamento das liberdades e dos direitos, via-se mobilizada a recuperar a radicalidade das concepções e vivências progressistas e a enfrentar tais arbitrariedades alcançando uma crescente organização política que culminaria com o fim da ditadura e com o projeto de redemocratização do Brasil.

1980 -2005:

1) Poder Público Federal, Estadual e Municipal: Ações conectadas aos sistemas de ensino escolarização de jovens e adultos na perspectiva do ensino supletivo e na compreensão convencional e conteudista da educação ofertada pela escola. – Previsão de recursos para formação de docentes, aquisição de materiais didáticos, alimentação e transporte dos educandos. – Programas de alfabetização de jovens e adultos, na perspectiva de campanhas, mas com características de provimento de recursos para organização de núcleos de alfabetização, a aquisição de materiais didáticos, remuneração e formação de docentes. – Viabilizam-se por meio de convênios entre o poder público, o movimento popular e as entidades sociais.

2) Sociedade e Movimentos Populares – Forte incorporação do legado construído por Paulo Freire (concepções e práticas) no campo da educação popular. Ações concentradas na esfera da alfabetização, da mobilização política e da garantia da cidadania. São programas e fóruns que se viabilizam também por meio de convênios com os governos e as empresas privadas, na perspectiva de incorporar as identidades locais e regionais dos segmentos envolvidos, ampliando as possibilidades de educação como instrumento de transformação das realidades dos educandos.

Fonte: Paula e Oliveira (2011, p. 20).

Compreende-se, assim, a Educação de Jovens e Adultos atualmente como uma educação para ser desenvolvida ao longo dos anos com qualificações e aperfeiçoamentos que contribuam ao longo da vida em vários setores, indo, deste modo, muito além do pedagógico e concordando com a iniciativa pensada em 2015, no tocante à política de educação para jovens e adultos, mencionada no início deste capítulo que trata essa modalidade de educação como um processo de cidadania.

Sendo assim, nos ateremos em apontar a seguir os objetivos de fato da EJA e como funciona sua atuação no processo de aprendizagem, quais são as Diretrizes e Políticas Públicas para a Educação de Jovens e Adultos no Brasil atualmente. Preocupamo-nos em esclarecer quais são, então, os objetivos da EJA e como essa Educação atua concretamente à luz de estudiosos da área. Tomamos como suporte teórico os estudos realizados por Soares *et al.* (2011), Capucho (2012) e Paula e Oliveira (2011) e estudos voltados especificamente à EJA.

A EJA, de acordo com Paula e Oliveira (2011), é “um conjunto de desafios educativos que objetiva dar resposta aos problemas decorrentes das desigualdades socioeconômicas, políticas e culturais que afetam a humanidade” (p. 9). A Educação de Jovens e Adultos, podemos afirmar, é uma educação que atualmente precisa ser pensada não só em sala de aula, mas ao longo da vida. É um processo educacional complexo, amplo e que toca toda a aprendizagem do indivíduo, desenvolvendo nele capacidades e habilidades que pretendem aperfeiçoar, enriquecer, aprimorar,

redirecionar técnicas e conhecimentos dos alunos envolvidos na EJA para a sociedade como um todo.

A Educação de Jovens nos dias atuais é apontada como uma educação de novas dimensões, que prima pelo combate à exclusão, à desigualdade, a injustiça e faz frente a um ensino que seja fortalecido pela construção de conhecimentos dentro e fora de sala de aula, contribuindo com sociedade, no sentido de fazê-la mais democrática, justa, com indivíduos autônomos, autorais e responsáveis pelo próprio saber, além de comprometidos com a transformação social.

Ao falarmos em EJA, é passível que nossa mente nos remeta a política pública e, sendo assim, doravante em nossa pesquisa intencionamos apresentar como as Diretrizes e as Políticas Públicas da Educação estão voltadas a essa modalidade de Educação para Jovens e Adultos⁸.

Tocaremos nas características gerais da Educação de Jovens e Adultos e de alguns marcos legais que servem de conhecimento teórico frente a esta investigação. Contudo, vale ressaltar que nossa intenção não é discutir política pública e sim, o uso de transformações fonético-fonológicas na fala espontânea de alunos da EJA, de qualquer forma, tratar dos assuntos legais e políticos que regem uma modalidade de ensino também se faz pertinente, uma vez que a Educação não acontece só pelo papel de professor/aluno, mas acontece também pela influência da legislação por trás do ensino e da escola.

Esta educação ao longo da vida reafirma e reconhece que a educação acontece também fora dos muros da escola e do período escolar e, que se dá ao longo da vida, como um processo, entretanto, um processo maior, amplo e complexo do que o escolar. Concordar com uma educação ao longo da vida é admitir que essa escolarização é importante, porém não é a única forma de aprender, e que esse processo de escolarização acontece em diversos âmbitos da sociedade, também na escola, mas não só, uma vez que é o indivíduo o sujeito em aprendizagem, sujeito esse que está nesse processo continuamente.

A seguir, apresentamos um quadro com documentos norteadores para que o leitor tenha contato com os textos oficiais, dando maior credi-

⁸ Os links das resoluções, pareceres e reexames encontram-se dispostas no portal do MEC, pelo site: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12992-diretrizes-para-a-educacao-basica>> Acessado em 28 de junho de 2019.

bilidade a esta pesquisa.

Quadro 2: Marcos Legais da Educação de Jovens e Adultos

- Constituição Federal de 1988 (CF/12988);
- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei nº 8.069/1990);
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN – Lei nº 9.294/1996);
- Parecer nº 5/1997 do Conselho Nacional da Educação (CNE);
- Parecer nº 12/1997 do Conselho Nacional da Educação (CNE);
- Plano Nacional de Educação (PNE – Lei nº 10.172/2001);
- Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000;
- Parecer CNE/CEB nº 11/2000;
- Alterações nos regimentos do Sistema S, em 05 de novembro de 2008 – Senai, Sesi, Senac e Sesc;
- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb – Lei 11.494/2007).

Capucho (2012) afirma que embora a CF/1988 tenha garantido a Educação como direito de todos, é somente a partir de 2000 que “são mais notáveis os esforços federais em prol da qualificação, ampliação e diversificação das políticas de acesso, permanência e elevação da escolaridade de jovens, adultos e idosos” (p. 58). O que fortalece a ideia de direito à educação e o discurso de uma educação inclusiva e compreendida em seu potencial democrático. Alavancar a educação de jovens e adultos exige uma ação de parceria entre os poderes públicos em diferentes setores, além das organizações intergovernamentais e não governamentais. Exige esforços dos empregadores e dos sindicatos, das universidades, dos centros de pesquisa, dos meios de comunicação, das associações e, inclusive, dos movimentos comunitários, dos facilitadores da educação de adultos e, certamente, dos próprios aprendizes.

É preciso somar esforços de ambos os lados, poder público, privado e social para que a Educação seja efetiva e válida.

Mais do que uma prática que permita a esses sujeitos refletirem sobre a realidade aparente, a prática pedagógica na EJA deve se fazer comprometida com a formação de atores que transformem essa realidade de maneira mais profunda e coletiva, atuando em prol ao respeito à dignidade humana e a justiça social (CAPUCHO, 2012, p.116)

O comprometimento coletivo acerca da EJA, efetivamente traria inúmeros benefícios para essa escolarização. E, é por isso, que pensamos em trazer ao professor de Língua Portuguesa algumas contribuições para o Ensino de LP na modalidade EJA, com relação ao processo de ensino e aprendizagem das transformações fonético-fonológicas sofridas pelas palavras ao longo do tempo.

3. A variação sociolinguística no ensino de Língua Portuguesa na modalidade EJA

Assim, faremos nesta parte algumas sugestões e contribuições para o professor de Língua Portuguesa aprimorar seu fazer pedagógico em sala de aula, aliando o ensino de língua ao viés sociolinguístico variacionista na perspectiva de educação de jovens e adultos pesquisadores.

Trazemos, a seguir, um quadro com sugestões para que os alunos reconheçam e avaliem alguns fenômenos linguísticos presentes na língua.

Quadro 3: Exemplos de fenômenos linguísticos variáveis.

Fenômeno	Explicação
Plural redundante	Tendo em vista que o plural em língua portuguesa é marcado pelo artigo ou pelo primeiro termo da sentença, construções como “os meninos bonitos” tornam-se redundantes, pois os plurais estão marcados nos três termos. Na fala, por sua vez, o falante marca apenas o primeiro termo: “Os menino bonito”.
Transformação /lh/ em /i/	Também chamado de iodização da palatal LH, construções como: “veio, teia, paia, trabaia”, são comuns na língua falada por essa transformação do fonema em outro.
Redução de ditongos	Ditongos são fonemas de encontro de duas vogais, portanto: “beijo, peixe, ouro, pouco, outro”, contudo na língua viva dos falantes esses ditongos [ei] [ou] são reduzidos em vogais. Tornando-se: “bejo, pexe, oro, poco, otro”.
Rotacismo	O fenômeno do rotacismo é a presença de um [l] travador de sílaba em encontros consonantais que na língua falada torna-se um [r]. Palavras como: planta > pranta; globo > grobo; bicicleta > bicicreta. A realização de planta como pranta ou a realização de papel como paper. Seguimos a terminologia de Camara Jr. (1970) e denominamos este processo de Rotacismo.

Associação linguística	Também chamado de analogia, este fenômeno acontece em falas pouco monitoradas e talvez de baixa escolaridade, contudo, a certeza efetiva, dar-se-á com uma pesquisa sociolinguística. Em casos como: “eu di, eu fazi” o falante associa com frases como “eu comi, eu bebi”, então naturalmente ele traz o verbo “fazer”, “dar” e outros para a mesma conjugação do verbo “comer”, por exemplo.
Transformação /nd/ em /n/	Processo também chamado de gerundismo. Quando o falante troca a marca de gerúndio /nd/ por /n/, em casos como: “limpano, bebeno”, entre outros.
Contração de proparoxítonas	A contração das proparoxítonas é um caso de economia linguística assim como a simplificação verbal. Este fenômeno linguístico é chamado, por Bagno (2012, p.147) de economia linguística e serve para: “eliminar aspectos redundantes e articulações mais exigentes”. É o caso das proparoxítonas “árvores, fósforo, xícaras” que se tornam na língua falada “árvre, frósqui, xícras”.
Simplificação verbal	As ocorrências de simplificação verbal, Bortoni-Ricardo (2004), contribui acrescentando que: “além dos infinitivos verbais, o /r/ pós vocálico também tende a ser suprimido nas formas do futuro do subjuntivo (<i>se eu estiver > se eu estivé</i>). Nos monossílabos o /r/ pós vocálico tende a preservar-se mais: (<i>mar, dor, par</i>)” (p. 85).

Fonte: quadro elaborado pelos autores.

A partir daí, gostaríamos que o professor, em sala de aula, especificamente na EJA, propusesse ao alunado a pesquisa de fenômenos linguísticos variáveis, para que os alunos compreendam a necessidade de conhecimentos de outras formas de falar.

Em alguns passos, o professor conseguirá trabalhar com a pesquisa em sala de aula.

1º passo – Organização:

Organize sua sala em grupos de 4 ou 5 integrantes, sempre optando para que esse grupo seja o mais diversificado possível, com relação às faixas etárias e gêneros das componentes da turma, para que ao decorrer da pesquisa, os alunos se percebam como pesquisadores e consigam orientar aos demais que por algum motivo tenham maiores dificuldades.

2º passo – O tema:

Selecione um fenômeno linguístico para cada grupo. Poderíamos propor também que cada grupo selecionasse o próprio objeto de análise, o próprio fenômeno a ser analisado.

Grupo A – Ficar^á com o uso do plural redundante.

Grupo B – Poderia analisar o emprego do Rotacismo.

Grupo C – Os aspectos históricos de alguns fenômenos variáveis.

Em relação aos aspectos históricos, é bastante rico este campo de investigação dentro dos estudos sociolinguísticos variacionistas, pois é possível analisar, por exemplo, o uso determinada palavra, de determinado vocábulo no sintagma nominal ao longo dos anos, num processo diacrônico.

De qualquer forma, é importante que a inquietação sobre o fenômeno venha dos alunos e que seja mediada pela orientação do professor que, poderá seguir o quadro de fenômenos supracitados, para fazer uma contribuição teórica em todos os grupos.

3º passo – O *corpus*:

Dentro da pesquisa sociolinguística variacionista podemos analisar os fenômenos de diferentes formas, na fala (especialidade da Sociolinguística) e na escrita.

Veja: Como alunos do Ensino Fundamental de 6º ano constroem frases das variantes [nós] e [a gente] como:

“A gente trabalha muito”, “A gente trabalhamos muito”, “Nós trabalha muito”, “Nós trabalhamos muito”. Perceba que já temos um parâmetro investigativo e para a introdução à pesquisa sociolinguística variacionista é um começo para uma pesquisa dessa natureza.

Não queremos que os alunos da EJA sejam, necessariamente, pesquisadores sociolinguistas, mas queremos que as aulas sejam mais dinâmicas e autorais.

Então, pode-se buscar informantes, fazer gravações, pode-se buscar em textos escritos (sem correção⁹) pelos alunos, em programas televisivos ao vivo entre outros.

4º passo – As variáveis:

Depois que você selecionou seu tema e seus informantes agora é a hora de organizá-los em células linguísticas e sociais como prescreve Ta-

⁹ O processo da correção justamente altera o dado fenômeno que se pretende analisar, retirando da pesquisa o caráter natural e espontâneo.

rallo (2007).

Digamos que você decida entrevistar alunos, gravar a voz deles, alunos da turma ao lado. Algumas variáveis a serem observadas: Grau de escolaridade, faixa etária e gênero do falante. Veja o exemplo:

Grau de escolaridade: Alunos da 4ª fase da EJA (sujeitos escolarizados e em fase de escolarização).

- a. Gênero do falante: Homens e Mulheres;
- b. Faixa etária: de 17 a 20; de 20 a 30 e de 30 ou mais.

Existem outras variáveis que podem ser averiguadas, como: apenas trabalham, apenas estudam, moram no mesmo bairro a quanto tempo, enfim, são particularidades que podem contribuir para que você consiga dizer, ao final da pesquisa que, por exemplo: Homens com mais de 30 anos, que trabalham no contra turno têm ou não maior probabilidade de suprimir um determinado fenômeno linguístico que você, lá no começo, se propôs a analisar.

Um outro exemplo: Um falante nativo do Brasil que vive constantemente em contato com falantes de espanhol facilmente vez ou falará palavras em espanhol. É importante delimitar e averiguar.

É preciso se preocupar também com as variáveis linguísticas, por exemplo, se decidiram pesquisar sobre a redução do ditongo [ei] e [ou], então, é interessante pensar e averiguar se essa redução acontece mais e em quais classes de palavras, em palavras que contenham plural (bimorfêmicas), palavras que não têm plural (monomorfêmicas), em qual posição da palavra essa redução acontece, no início, no meio, no final. Todas essas são variáveis interessantes de serem pensadas e pesquisadas.

Veja o que já temos:

1. Variável social de escolaridade;
2. Variável social de gênero;
3. Variável social de faixa etária;
4. Variável linguística – classe de palavras;
5. Variável linguística – Estatuto morfológico;
6. Variável linguística – Posição do fenômeno na palavra.

Todos esses fatores sociais ou linguísticos contribuirão para que, ao final da pesquisa, os alunos pesquisadores consigam dizer e elaborar gráficos e tabelas de comparação entre esses falantes e descobrir ou apenas discutir quem mais comete o fenômeno e por que assim o faz.

5º passo – As células:

Como declara Tarallo (2007) é fundamental que você trace as células linguísticas e sociais, para o autor, “para cada célula você necessitará de **cinco informantes**, de modo a garantir a representatividade da amostra” (p. 29).

Tomemos como exemplo que você tenha escolhidos entrevistar professores, da EJA, da 1ª fase. Então você tem algumas células, isto é, grupos de falantes sociais. É o perfil desses informantes que serão analisados. Veja o exemplo no quadro a seguir:

Quadro 4: Informantes.

	PROFESSORES De 25 a 40 anos	PROFESSORAS De 25 a 40 anos
EXATAS	5 informantes	5 informantes
HUMANAS	5 informantes	5 informantes
BIOLÓGICAS	5 informantes	5 informantes
Total de informantes 30		

Portanto, em nosso exemplo, temos 10 professores e 10 professoras das áreas de exatas, de humanas e biológicas, só da 1ª fase da EJA. Isso pode ser alterado, mudado, adaptado. Vai depender da sua situação, do seu objetivo de pesquisa. É preciso repensar, planejar e refazer de um modo que sempre haja cinco informantes para cada célula estudada.

6º passo – As gravações:

As entrevistas precisam ser informais. Conforme esclarece Tarallo (2007) a pesquisa sociolinguística necessita “emergir de situações naturais de comunicação linguística (...) o objetivo é que o informante não preste atenção à sua própria maneira de falar” (p.21), sendo espontânea, isto é, o informante não pode saber que está sendo gravado para que não

force a sua fala e ela saia cuidada, polida. Não é isso que queremos. Queremos a fala diária, a natural, a sem monitoramento.

Para gravar seus informantes sugira assuntos, perguntas, temas: “Por que escolher essa profissão?”, “o que você acha sobre a cultura digital”, “fale sobre um sonho, uma conquista, uma meta”, “você poderia me contar um filme, uma série”. Use a imaginação.

Como a pesquisa sociolinguística se preocupa com fenômenos advindos da fala, você pode optar por questionários para averiguar as palavras. No nosso exemplo da redução dos ditongos [ei] e [ou] o entrevistador poderá perguntar algumas coisas para que as respostas sejam as palavras que anteriormente o pesquisador já havia suspeitado que ele reduziria o ditongo. Observe o quadro a seguir.

Quadro 5: Perguntas.

Perguntas	Resposta	Transcrição grafemática
Como é o nome do animal que vive na água e que é representado pelo personagem “Nemo” no cinema?	O Peixe	“Num sei, u pexe, u pexinhu Nemo”. (F17X)
Qual o sinônimo de maluco?	Louco	“Loco?” (M12Y)

Note que na pergunta 1, o nosso informante reduz o ditongo [ei] de *peixe* e de *peixinho* > *pexe*, *pexinho*. Na pergunta 2, o informante reduz o ditongo [ou] *louco* > *loco*.

É evidente que essas perguntas podem e, em alguns casos, devem ser alteradas, melhoradas, aprimoradas. A pesquisa é sua, construa.

7º passo – As transcrições:

Sugerimos a transcrição grafemática que nós utilizamos e sempre viemos adotando em nossas pesquisas. Trata-se de uma adaptação do projeto NURC/SP realizada pelo professor Dr. Pedro Caruso (UNESP/Assis). Veja o quadro a seguir.

Quadro 6: Normas de transcrições.

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS PROFA. DRª. ELZA SABINO DA SILVA BUENO		
OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	num vortava mai num tinha dinheiro () i a genti guentô
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	us mininu tãu aí... um trabaia de motoris otru (trabaia) pur conta
Trucamento de palavras	/	i quanu mesmu era PA nóis ca/nóis da us nomi
Entonação enfática	Maiúscula	trabaiei aTÉ casá
Prolongamento de vogais e/ou consoantes	:: ou ::::	u donu mesmu era::: isqueci u nomi deli...ah:::achu qui é antonhu
Silabação	- - -	a genti cresceu me-dron-ta-dudus país
Interrogação	?	pu cê vê comu era u pessoar di antigo pra agora né?
Comentários do transcritor	((minúscula))	((risos))
Comentário que quebra a sequência da exposição do tema	- - - -	a genti – nói somu crenti - - a genti si viu i gosto
Sobreposição de vozes ou entrada indevida	[1. pra::: ficá lisinhu 2. [a pu chãu ficá.. A. [parei B. pareinhu pa prantá
OBSERVAÇÕES: 1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou siglas. 2. Números: transcrevem-se por extenso. 3. Não se usa ponto de exclamação. 4. Início de frase: usam-se letra minúscula. 5. Registram-se as pronúncias do <u>e</u> e do <u>o</u> como realmente são pronunciados. 6. Nada se corrige na transcrição do texto gravado.		

A seguir trazemos um trecho de uma entrevista realizada pela profa. Dra. Elza Sabino da Silva Bueno em seu livro “*Nós, A gente e o boia-fria: uma abordagem sociolinguística*” que tomamos por empréstimo para exemplificar neste trabalho. Transcrição realizada com base nessa adaptação do projeto NURC/SP.

(5) us jovi é... elis têm qui pensa muito nu futuru delis né? ... im coisa boa né? ... qui hoje a *genti* vê atnta juventude aí perdida né? qui num... qui num... qu num qué sabe di nada né? preferi usa drogas i i::: essas coisa... u jovi num devi di pensa dessi jeito né? ... elis têm qui... qui tê assim:: pensa im coisas boa... tê um futuru melhor né? ... im um Brasil melhor também né? ... puque às *vê/ é é é* essa essa (sic) pessoal agora qui tãu agora creescen::du... essa junventudi di... si Elis num pensa em coisa boa o que é qui vai sê futuramente... né? mesmu? (f3fa). (BUENO, 2003, p. 61)

Em nossas transcrições utilizamos alguns códigos que devem ser elaborados pelo próprio investigador para omitir a identidade do falante, preservando seu nome, suas características sociais e linguísticas.

Sugerimos que sejam letras e números que representem as variáveis sociais. Por exemplo: (M12Y) – Um aluno (masculino = M), de 12 anos (12 = faixa etária) e que está no fundamental (Fundamental = Y). Mas, também são sugestões que podem ser adaptadas, alteradas, de acordo com a necessidade e realidade de cada pesquisador.

Nossas contribuições não são verdades absolutas e pretendem, acima de tudo, dar um novo olhar às aulas de língua portuguesa pelo viés dos estudos sociolinguísticos variacionistas, por meio da pesquisa científica, dessa forma, ressaltamos que a intenção é inovar e dinamizar o ensino e a aprendizagem em sala de aula, saindo do ensino convencional e engegado que perpetua na educação ao longo dos anos.

4. Considerações finais

Pesquisar sobre os usos dessas transformações linguísticas e como elas acontecem, como elas são motivadas, qual o fator que faz com que ela aconteça é bastante interessante e pertinente para as aulas de língua portuguesa, uma vez que cada indivíduo, cada aluno, carrega consigo traços particulares da sua vivência de mundo, de sua própria fala. E o pesquisador que também é aluno poderá perceber como isso acontece.

E é pensando nisso que se buscou trazer contribuições para o ensino de Língua Portuguesa aliado à pesquisa Sociolinguística dentro do ambiente de sala de aula, afinal, investigações como essa não tendem somente a mapear ou quantificar fenômenos, mas também para serem utilizadas no fazer pedagógico de um professor que pode demonstrar a pesquisa aos alunos e com ela trabalhar aspectos relacionados à língua consoante ao seu planejamento de aula, tornando o aluno pesquisador, autoral e sujeito em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Elza Sabino da Silva. *Nós, A Gente e o Boia-fria: uma abordagem sociolinguística*. 1. ed. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1970.

CAPUCHO, Vera. *Educação de Jovens e Adultos: práticas pedagógicas e fortalecimento da cidadania*. v. 3. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção educação em direitos humanos)

PAULA, Cláudia Regina de; OLIVEIRA, Marcia Cristina de. *Educação de jovens e adultos: a educação ao longo da vida*. Curitiba-PR: IBPEX, 2011.

PIERRO, M.C. Educação de jovens e adultos – EJA. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. (Orgs). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.